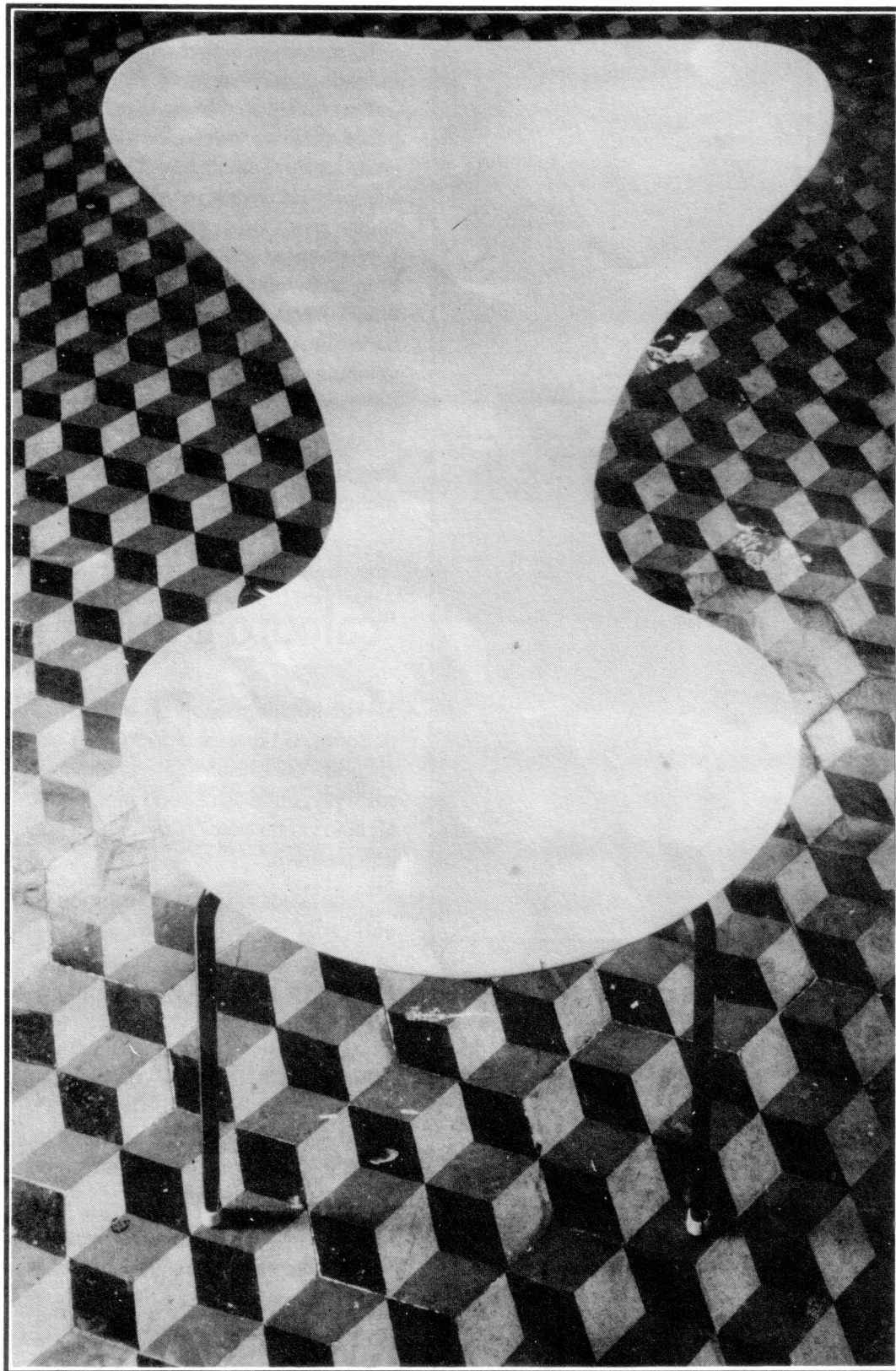


# folhetim

jornal do centro acadêmico da escola superior de desenho industrial - ano 1 - nº 0 - março 1993



## o porquê

Por maior que seja a nossa inércia, existe muita coisa sendo dita e debatida nesta escola. Mesmo não sendo produtivos, o tempo todo discutimos o dia-a-dia esdiano, mas as idéias se dissipam no ar, morrem com a passagem de mais uma semana. Quantas boas idéias não estão condenadas à mudez mineral dos paralelepípedos, dos degraus e das paredes escuras da nossa vila? Quantos problemas não foram resolvidos pelo esquecimento ou pela dispersão? Quantas opiniões nunca foram ouvidas, e quantas sequer formuladas?

Toda discussão se perde na realidade prática, e qualquer reflexão é abafada pela certeza implacável dos fatos. Torna-se necessário portanto, resgatar o questionamento e a inquietação que sempre foram características marcantes da formação dentro da ESDI.

É função e objetivo deste jornal registrar, veicular, e dar prosseguimento às idéias, às discussões, enfim, a todas as idéias do nosso cotidiano.

Assim, este é um espaço aberto a todos que de alguma forma se vêm relacionados às atividades desta escola. Esperamos e contamos com a sua participação.

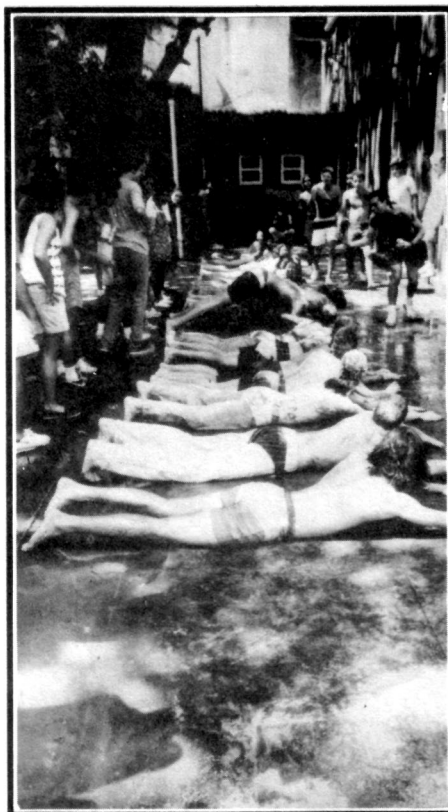
**Os editores**

Chegamos num momento em que não dá mais para ficar parado, olhando para o passado e esperando as coisas acontecerem. A recuperação da ESDI depende em grande parte dos nossos esforços; não tem desculpa, todo mundo é responsável. Só resta tomar vergonha na cara e se mexer.

A diretoria da escola já saiu na frente patrocinando obras de melhoria estrutural, os professores têm se reunido nos departamentos. Está mais do que na hora dos alunos se pronunciarem, influenciando diretamente nas mudanças que já estão ocorrendo.

ACORDA ESDIANO!

**editorial**



**welcome!**

Calouros,

Apesar de ocuparem a peculiar posição de ignorância total, de encarnarem o mais perfeito protótipo de vácuo intelectual, de desconhecarem o trajeto mais veloz, e pela sombra, da ESDI à Casa Cruz, isso se já ousaram ter ouvido falar dela; mesmo que ainda não tenham almoçado um Seresteiro, traçado uma esfiha no Rio Jordão, ou deglutido um belo rodízio no Vulcão; ou ainda chame a Gisette de "Dona", não diferencie um schunsky de um sdrunfts a um palmo de seu nariz, ou confunda Roberto Eppinghaus com Roberto Verschleisser, tudo bem, talvez um dia você aprenda. Não é difícil. Basta um pouco de humildade e uma pergunta bem formulada. Os veteranos adoram discorrer sobre os mais diversos assuntos.

Mesmo que para você Schöeller, Bergmiller e Gestalt não passem de nomes complicados...

**expediente**

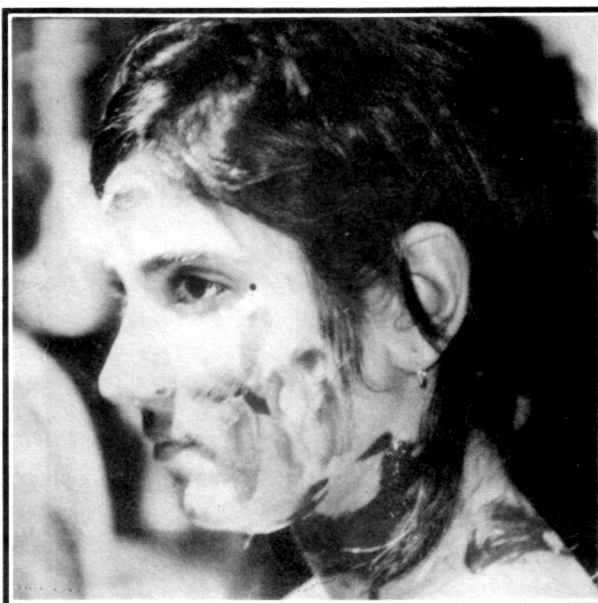
**edição:**  
lucas menezes  
luís Moraes  
mauro pinheiro

**diagramação:**  
lucas menezes  
mauro pinheiro  
sergio filgueiras

**fotografia:**  
maria fernanda  
lucas menezes

**galera da força:**  
bruno garcia  
luís guilherme

**impressão:**  
gráfica da UERJ



**"calouro é burro!!"**

Finalmente, depois de uma semana de terror, o tão esperado "dia do trote" chegou. Os calouros já estavam ansiosos e perguntavam a todo momento: "e aí? Não vai ter trote?" Bom, foram vocês que pediram...

A farra dos calouros já se tornou uma tradição, promovendo a integração entre os alunos do 1º ano e os veteranos. As diversas brincadeiras sujaram muito os pobres ingênuos e fizeram a diversão de todos nós. Depois de tudo, um pedágio debaixo da maior "lua" para pagar a cervejada da galera. E dá-lhe social! Guerreiros à solta, a festa rolou por toda a tarde, com os mais animados emendando até o dia seguinte.

E se você, calouro, ainda está meio revoltado com tudo, relaxe porque trote você só toma uma vez e dá pelos menos quatro. O ano que vem tem mais.



# C.A. & afins

## a quantas anda...

A principal coisa a ser dita a respeito de nosso Centro Acadêmico hoje é que, mais uma vez, começamos o ano letivo com a esperança de que "desta vez vai". Em função da situação atual e das perspectivas, eu me permito um pouco mais de otimismo para afirmar que, no mínimo, nós vamos agitar bastante este ano.

Todo início de ano, letivo ou não, se caracteriza por frases do tipo "vou mudar, ser bonzinho, etc." Isto vem desde os bons tempos de colégio, quando o "este ano eu estudo, não vou deixar atrasar a matéria" povoava a cabeça de muita gente nestes marcos chuvosos. E geralmente a coisa seguia do mesmo jeito, quando não piorava.

Não poderíamos começar de outro jeito, logo nós que há três anos tentamos vencer essa maldita inércia.

Os planos, sempre, são muitos: um jornal bimensal - no mínimo; continua-

ção das "obras" na sala do C.A., visando tornar nosso espaço um local mais agradável e adequado para o trabalho e lazer; se fazer mais presente nas decisões que dão rumo à ESDI; intensificar nossa atuação no Movimento Nacional dos Estudantes de Design; realizar, junto com as outras quatro faculdades do Rio a II Semana Carioca de Design; enfim, concretizar diversas atividades que integrem e melhorem nossas condições de estudo e convivência na faculdade.

O otimismo citado acima é justificado porque, talvez pela experiência adquirida, nós já estamos (nos) enrolando menos e produzindo mais. O jornal, este mesmo que vos fala, está engrenando, inclusive com um 2º número já encaminhado. O C.A., graças à diretoria da faculdade, está de telhado todo novo, e novas reformas estão sendo agitadas. Nossa representação nas reuni-

ões de Departamentos e do Conselho Departamental, bem como na Comissão dos 30 anos, nos permite afirmar que temos canal aberto para opinar e influir nos rumos da ESDI. As reuniões para a realização da II Semana Carioca têm acontecido todas as quartas-feiras - aqui mesmo, às 19 horas -, desde o ano passado, contando com a nossa participação - ainda que pequena. E estamos participando mais ativamente das questões referentes ao Ndesign, inclusive com a disposição de trazer o 4º Encontro para o Rio.

Tudo isto é muito pouco diante de nossos anseios e necessidades, mas vão sempre haver muitas coisas por realizar. É certo que já demos um pequeno passo no sentido de ter um C.A. ativo e presente, mas infelizmente nosso grande problema continua sendo a participação, não por acaso o tema escolhido para este primeiro jornal.

## ...e missão cumprida

O C.A.ESDI chega a sua terceira diretoria e nesses dois anos de existência efetiva, muitas foram as conquistas e também os desânimos; mas valeu a pena.

Após várias tentativas de organizar um centro acadêmico na ESDI, em 1990, finalmente, um grupo de alunos do segundo ano (de então), mobilizou-se e junto com alguns calouros, estruturou o C.A.ESDI, formulando o estatuto e elaborando seu programa de atuação.

A bem da verdade, a maior parte dos itens não foi cumprida, mas a viagem para a primeira Bienal em Curitiba (o primeiro evento do C.A.), serviu para agitar os alunos da escola, que pareciam desacreditados no surgimento do tão esperado Centro Acadêmico.

Realmente, o maior problema que enfrentamos é a falta de mobilização dos

alunos. É preciso que as pessoas acreditem nas possibilidades e se unam na tentativa de conseguir algo.

O que no início foi uma "excursão" de um grupo da escola, tornou-se uma viagem oficial financiada pela UERJ. Além disso, nossos representantes estiveram nas prévias de Belo Horizonte (fev/92), e de São Luis (fev/93) com as passagens pagas pela ESDI e pela UERJ. Estamos conseguindo!

Nesse tempo que passei como membro do C.A., muitas foram as decepções e muitas vezes quis largar tudo. Apresentei trabalhos atrasados, faltei aulas e estágio, mas a compensação era conseguir chegar ao objetivo, principalmente quando (muitas vezes) trabalhei sozinho.

Conseguimos uma nova sala,

estivemos reformando-a no início do ano passado (durante as férias), temos o representante oficial dos alunos, conseguimos que a UERJ produzisse nosso jornal; etc...

Tudo que foi feito partiu de um grupo que representa 10% do corpo discente. Temos que chegar aos 100%.

O que posso dizer como experiência adquirida nesse tempo a frente do C.A. é que se chegamos até aqui e temos a representatividade, o dia que nos mobilizarmos maciçamente...

Queremos voltar em 1993 com a associação dos ex-alunos. Continuaremos juntos e traremos vários outros para ajudar.

hylder barbosa

# prá quem está por fora

Em julho deste ano, vai acontecer o 3º Ndesign em Belo Horizonte (MG). Mas se você não tem a menor idéia do que é isso, aqui vai um resumo dos anos anteriores...

**CURITIBA (PR) - out/1990:** A ocorrência da 1ª Bial Brasileira de Design, com participação de profissionais e alunos de todo o país criou o momento propício para o início do Ndesign. Há muito que se sentia a necessidade de revitalizar o movimento estudantil na área do desenho industrial, mas a desorganização geral e falta de comunicação entre as escolas dificultavam bastante que isso acontecesse. De qualquer modo, coincidentemente vários diretórios ou centros acadêmicos estavam se reestruturando (o próprio C.A.ESDI, por exemplo) e davam sinais de que mudanças estavam por vir.

Fomentar o design, estimular a discussão entre os futuros profissionais, debater o ensino e a prática da profissão, estabelecer um panorama geral das semelhanças e diferenças de cada escola. Esta foi a proposta levada pelo CADU-UFPR aos representantes de várias escolas presentes à Bial, e o encontro foi aprovado como idéia.

**RIO (RJ) - dez/1990:** O segundo passo foi uma nova reunião (PRO-ENED) para discussão dos objetivos do encontro, escolha da sede e questões gerais. Decidiu-se que Curitiba realizaria o evento. O nome deixaria de ser ENED, já que poderia ser confundido com o encontro nacional de estudantes de direito, e passaria a ser Ndesign. Criou-se também a linha direta, onde um estudante de cada faculdade é responsável por manter contato com as outras, estabelecendo uma ligação permanente entre as escolas de todo Brasil.

Agora era hora dos curitibanos começarem a trabalhar duro...

**CURITIBA- 15 de Julho de 1991:** Ocorre finalmente o 1º Ndesign, com cerca de 700 alunos de todas as faculdades num clima de muita descontração, seriedade e alegria. Era a primeira vez que estudantes de design se reuniam para trocar

idéias, havia muito para ser dito.

Para organizar essa bagunça, o encontro contava com uma série de atividades prático/teóricas, falando de ensino, prática projetual, pesquisa e o papel do designer na sociedade. Ocorreram palestras, mesas redondas, exposição de trabalhos, repentina, oficinas, grupos de trabalho, atividade de rua, festa, etc... Como alguns nem imaginam o que é isso tudo, vamos explicar bem resumidamente.

Nos grupos de trabalho, reuniam-se alunos de todas as faculdades para discutir um tema de interesse comum, e ao final do N cada grupo apresentou um relato, resoluções, performance, qualquer coisa que demonstrasse suas conclusões sobre aquele assunto.



A repentina é uma atividade projetual, onde é proposto um tema surpresa e durante algumas horas as pessoas desenvolvem um projeto a nível de idéia, utilizando os materiais fornecidos pelos organizadores, geralmente os mais estranhos que se possa imaginar.

As oficinas funcionam como um workshop, introduzindo os alunos em algum assunto desconhecido por eles, sem no entanto se aprofundar muito dado o curto espaço de tempo. Esta atividade destinava-se àqueles que não desejavam participar das discussões, dos grupos de trabalho.

A atividade de rua visava atingir a população, mostrando e explicando a presença do design e sua importância para a sociedade.

Tudo isso ocorreu durante uma semana, com muitas histórias engraçadas, muita produção e uma sensação de que

o caminho era aquele. Já não tinha mais jeito, o Ndesign marcava a sua presença e mostrava que veio para ficar.

Ao final do encontro, em reunião de representantes, decidiu-se que o 2º N seria organizado pelos alunos de Universidade Federal de Santa Maria (RS). Era a vez dos gaúchos colocarem o ovo em pé...

**BELO HORIZONTE (MG) - fev/1992:** Para que todas as faculdades pudessem tomar conhecimento do que estava acontecendo em Santa Maria, realizou-se a Prévia do encontro, reunindo (mais uma vez) representantes das escolas, para discussão do projeto do 2º Ndesign. Nessa reunião é que foram explicadas todas as atividades, seu funcionamento e carga horária, o número de participantes em cada uma, os critérios para apresentação de escolas, apresentação de trabalhos acadêmicos, exposição dos trabalhos, enfim, tudo!!

**SANTA MARIA(RS) - 14 de julho de 1992:** O encontro de Santa Maria foi um evento de grande importância, pois vinha com a responsabilidade de dar continuidade ao Ndesign. A estrutura básica do evento foi mantida (oficinas, repentina, palestras, exposição, grupos de trabalho, etc..) e buscou-se um aprofundamento maior das discussões, promovendo um amadurecimento do movimento como um todo. Infelizmente o encontro foi marcado por uma série de imprevistos, problemas e pessoas quebrando compromissos em cima da hora, o que colocou o pessoal da organização em uma posição muito delicada, sendo acusados por tudo que acontecia de errado. Só faltou culparem eles pelo frio intenso que rolou !

De qualquer maneira, nesta 2ª versão do N a participação foi muito mais numerosa, quase dobrando em relação ao primeiro. O Ndesign cresceu, provando o seu sucesso.

**1993:** Finalmente, neste ano (como já foi dito) ocorrerá o 3º encontro. Mais detalhes ver matéria sobre a prévia nesta edição.

Aconteceu em São Luis, Maranhão, de 04 à 07 de fevereiro, a Prêvia do 3º Encontro Nacional de Estudantes de Design - Ndesign -, que se realizará em Belo Horizonte, Minas Gerais, de 11 à 18 de julho. Contando com a participação de mais ou menos 35 pessoas que representaram 8 escolas - UNEB-BA, UnB-DF, UFMA, FUMA-MG, UFPR, ESDI, EBA-UFRJ e UFSM -, foi discutida toda a estrutura do próximo Encontro, e mais outros assuntos pertinentes ao Movimento como o último N, a atuação dos D.As e C.As e a próxima Prêvia.

Inicialmente foi analisado o último encontro, em Santa Maria-RS, com os representantes gaúchos comentando os problemas enfrentados antes, durante e depois do evento. Em seguida os mineiros apresentaram o Projeto do 3º N, e o Encontro que surgiu a medida em que conhecemos o Projeto foi um Ndesign "pensado", fruto de debates e reflexões em cima da experiência vivida em Curitiba e Santa Maria.

Só para começar: saem Repentina, Grupo de Trabalho e Oficina; e em seus respectivos lugares entram **Laboratório de Proje-**

**to, Fórum de Debates e Vivências.** Surgem os **Eventos Paralelos.** Três **Mesas-redondas** e apenas uma **Palestra.** A **Apresentação de Escolas** será toda em vídeo, e mais um *espaço de convivência*, onde vai rolar o *social* direto.



Explicando rapidamente, Laboratório de projeto é uma atividade projetual onde, a partir de tema e material proposto pela organização, o grupo deverá buscar soluções para os problemas apresentados. Já o Fórum de Debates se caracteriza por um grupo que discutirá determinado tema, mas com a exigência de conhecimento prévio

do assunto, ou seja, você conhecerá seu grupo de antemão, e estudará e pesquisará seu tema, chegando para o Encontro preparado para um debate mais profundo. Vivências se diferencia das Oficinas no sentido que, ao invés de simplesmente ensinar determinado assunto - com o já conhecido problema de desnível entre os que já possuem conhecimento e outros que nunca ouviram falar do assunto -, o ministrante orientará discussões onde cada um passará suas experiências na área. Assim, se o tema escolhido for, por exemplo, a fotografia, o participante levará fotos que tenha feito ou mesmo que ele considere interessante. E mesmo não possuindo ainda nenhuma experiência no assunto, ele poderá estudá-lo previamente e levar alguma coisa para acrescentar.

Os Eventos Paralelos fazem parte da programação oficial pela primeira vez, sendo previsto tempo para que possamos ver exposições e mesmo peças de teatro que tenham alguma ligação com o Encontro. A preferência dada às Mesas-redondas, retirando as palestras, se deve ao fato de que estas últimas são, em geral, monó-

# aconteceu no maranhão...

tonas e dispersantes, enquanto as primeiras exigem uma maior participação e consequentemente possuem um maior caráter de integração. A Apresentação de Escolas toda em vídeo dará dinamismo, evitando aquela coisa lenta e interminável - cada escola tem no máximo 5 minutos. O *espaço de convivência* é uma surpresa que os mineiros estão preparando, e por enquanto sabe-se apenas que será o local onde vai rolar aquele *social* nos horários livres - dá-lhe guerreiros!

Todas as mudanças são originadas de uma profunda reflexão, e denotam uma preocupação com a participação qualitativa no N-Design. O maior problema em Santa Maria foi justamente termos alunos demais e uma participação efetiva muito baixa, perdidos que estávamos com problemas de hospedagem, temperaturas baixas e outros interesses alheios ao Encontro. Tudo isso foi discutido pelos representantes, e todos os detalhes do 3º N foram minuciosamente pensados para que as pessoas realmente participem do evento. De qualquer modo ficou acertado que durante o Evento os representantes terão reuniões diárias para

analisar o andamento das atividades, de forma que qualquer problema tenha, sempre que possível, solução imediata.

E se sabemos que os turistas sempre vão existir, que eles sejam uma minoria. Tudo bem que você queira curtir, azarar, provar



a cachacinha mineira, aproveitar aquela galera toda reunida para fazer muita zona; mas não deixe de participar, discutir, tirar proveito de todo esse trabalho que, sem a participação das pessoas, nunca vai acontecer de verdade.

Depois de discutido o próximo N, foi feita ainda uma avaliação das atuações dos

CAs e DAs, e de todo o Movimento. Em seguida decidiu-se a sede da próxima Prêvia - a realizar-se em fevereiro de 94 - que, por livre e espontânea pressão, acabou ficando com Salvador. E por fim o 4º N-Design, que terá a sua sede decidida em Belo Horizonte, onde as faculdades interessadas em organizar o Encontro terão que apresentar as suas propostas.

Este é mais ou menos o resumo do que rolou em São Luis e de tudo que ficou decidido a cerca do 3º N. Maiores detalhes, como programação e inscrição, além de dúvidas a respeito do que foi explicado, é só nos procurar que estaremos a sua disposição para qualquer esclarecimento. Aproveitamos a ocasião para agradecer à UERJ e à ESDI, e em especial ao Freddy, pela ajuda financeira que possibilitou nossa viagem. E vai aqui um grande abraço para todo o pessoal do Maranhão, que tão bem nos acolheu e tudo fez para que nossa estada fosse a melhor possível - no que, aliás, foram muito bem sucedidos.

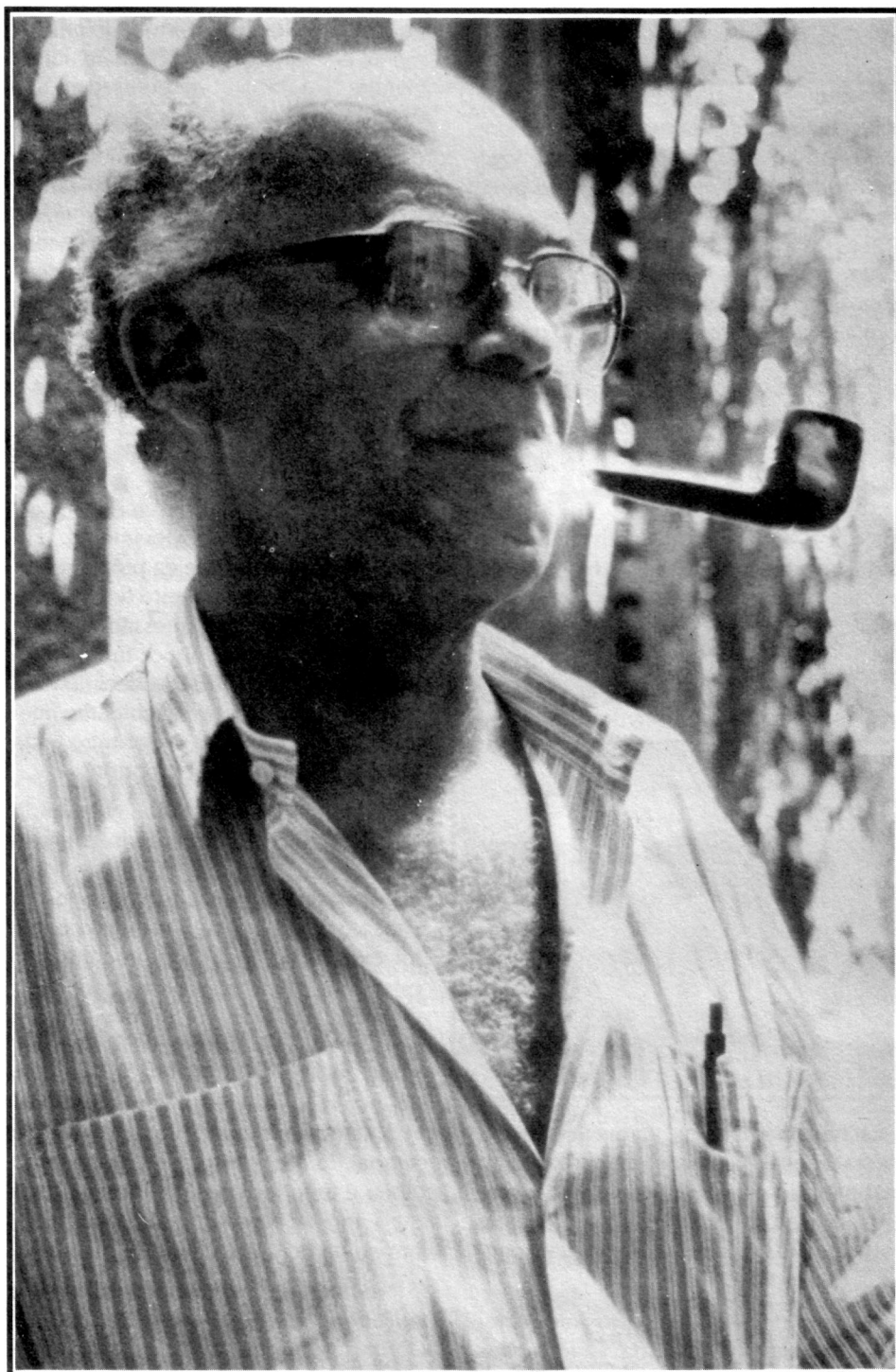
**Anderson Cabral, Lucas Menezes e Mauro Pinheiro (representantes da ESDI na Prêvia).**

# fala pedrão!

**Pedro Luiz Pereira de Souza, o Pedrão, foi diretor da ESDI por 4 anos. Esta entrevista foi realizada por ocasião do final de seu mandato, em março de 1992, durante o qual sempre se caracterizou pelo entrosamento total com o**

**corpo docente, refletido nos longos papos que faziam a "alegria da galera". O que mostramos abaixo é um resumo de uma hora de conversa, onde ele reviveu um pouco de sua longa história**

**na escola, e serve não só como registro dessas "aulas" informais, mas principalmente como homenagem, ainda que tardia, por tudo o que ele representa prá todos nós.**



Pedrão está na ESDI desde 68, formou-se em 71 e em 72 já era professor. De 85 a 87 foi vice-diretor e em 88 foi eleito diretor até o fim de 91.

*"Gosto muito daqui e acho que a ESDI é uma das poucas coisas em que vale à pena investir hoje. A experiência do ensino aqui é importante, embora seja ignorada pela maior parte das pessoas, que não reconhece o valor do que se procura aplicar - chegando a ser vista como uma coisa estranha, até dentro da UERJ.*

*"Estamos sempre num caminho onde você anda entre a liberdade, o não-formalismo e a necessidade de formar pessoas. O Único modo de se trabalhar com algo ao mesmo tempo criativo e formal é com liberdade.*

Seu trabalho é marcado pela manutenção deste caminho de coletividade, sem podar a liberdade do indivíduo. Pedro acredita que a solução de muitos problemas da escola depende da conscientização do aluno.

*"Organizar melhor o C.A., fazer uma publicação, marcar posição e externar opiniões de uma forma mais organizada.*

*"É preciso derrubar os conceitos hierárquicos, acabar com eles, renovar essa questão de ensino. Ela é autoritária, todo mundo sabe. Tem que haver um mínimo de autoridade dentro do ensino. Existe um corpo chamado professor e outro corpo chamado aluno. É natural que exista passagem de informação de um para o outro. Mas autoridade é uma coi*

sa, autoritarismo é outra. E de certa forma, todo o nosso ensino possui um autoritarismo muito forte. A ESDI não escapa disso, com o agravante de que aqui, por ser uma escola pequena, vira costume. A escola se comporta como uma república positivista. Você escolhe um candidato, bota ele como diretor e espera dele todas as soluções.

"Uma coisa que eu acho que não consegui fazer aqui foi descaracterizar um pouquinho um certo autoritarismo do diretor. Eu, pessoalmente, posso não ser autoritário, mas a ESDI tem uma tradição autoritária no cargo e acho que isso precisa mudar, porque dessa forma conduz ao comodismo. "Dentro da escola, os departamentos precisam funcionar, é preciso haver maior participação dos professores. Depois de insistir nisso por quatro anos você acaba perdendo um pouco o fôlego, mas o Freddy está recolocando isso, acho que com mais ânimo, porque ele está no começo. Mas isso tem que evoluir, tem que crescer. Desenvolver uma co-responsabilidade, diluindo a autoridade.

Fala Pedro, sua opinião sobre a polêmica do terreno.

"A luta é importante mas a escola não é um terreno, um casarão. A escola são idéias, são conceitos. Eu sempre disse que, se fosse preciso, nós iríamos dar aula embaixo dos arcos. A ESDI somos nós mesmos, não uma casa velha.

Quanto às últimas mudanças no currículo, Pedro destaca que uma escola como a nossa tem que ter sempre o compromisso de mudar.

"O importante é que essa experiência seja feita com muita seriedade para que, mesmo de uma coisa que não deu certo, se consiga tirar resultados. Há um filósofo francês, que me fez muito a cabeça, que dizia: existe uma diferença enorme entre em erro e uma verdade falhada. Um erro é uma coisa que se faz absolutamente consciente de que se está errado, uma verdade

falhada é algo em que se acreditava e não deu certo. Mas dessa verdade falhada você tira conclusões e ensinamentos para avançar de novo.

"A escola tem uma natureza especulativa, auto-questionadora, o que é extremamente positivo. Eu trabalhei em outras escolas e senti a dificuldade que é discutir realmente o ensino e não transformá-lo num processo mecânico.

E sobre nosso atual diretor?

"O Freddy foi meu contemporâneo na escola, foi meu sócio, tivemos escritório juntos durante algum tempo. É absolutamente competente para o cargo e até com qualidades que eu não tenho. Não tenho a paciência que ele tem para cobrar uma coisa. É capaz de sentar na porta do sujeito até obter uma resposta. Tem excelente conhecimento dos interesses externos da escola e mantém um bom relacionamento externo. O Freddy é muito bem informado a respeito da escola, do que ela é, como foi criada,

e é mais antigo do que eu aqui dentro. Ele provavelmente conversa menos do que eu, é uma pessoa, não digo fechada, mas menos expansiva. Isso é característica da personalidade, mas que possui muita abertura, muita responsabilidade.

Fechando a conversa, por agora, Pedrão nos deixa a dica.

"Há uma coisa natural da ESDI que deve ser preservada: o caráter de honestidade com que se pode jogar aqui dentro. A ESDI, para mim, é uma prova bastante clara que é perfeitamente possível você se abrir com muita honestidade para todo mundo - aluno, funcionário, professor - e aceitar que você erra, que você acerta, que você vive. Acho que isso é o fundamental."

entrevista:  
cláudio viola  
lucas menezes  
marcelo torrico  
edição:  
luis moraes

## Coluna do Aprígio

Pois é, entra ano e sai ano, as cabeças parecem que não mudam. Ainda ontem, sentado na escada da sala de exposições, ouvia o depoimento entediado de um velho colega:

- Lá vai ele; com essa história de jornal ele está monopolizando os computadores. Não desiste, parece que ainda não sacou o esquema. Tudo passa, até esse paraíso aqui. Não entendo essa mania de querer tentar mudar as coisas. Mesmo se a gente conseguisse, ia demorar tanto que já seria tarde. João não muda.

\*\*

Duas horas mais tarde, fui a biblioteca devolver uns livros e encontrei João outra vez. Falava das agruras de seu time com Marcão, que pontuava o discurso com seu humor. Ao meu ver o colega largou da melancólica palestra e veio partilhar comigo suas observações do dia:

- Rapaz, por que será que as calouras mais bonitas são sempre as das outras faculdades?

- Não cospe prá cima, João.

E a gargalhada do Marcão ecoou pela biblioteca:

- E não é cumpadi?

Ainda bem que a Norma não estava lá.

\*\*

Esclarecendo logo: a UERJ estabelece que, para abrir outra turma - só com a especialização em programação visual, por exemplo - é preciso mais ou menos um terço dos alunos matriculados naquele ano, o que dá uma média de onze. Assim, aquele que estiver interessado em optar por apenas uma especialização, a partir do terceiro ano, pode ir arrumando mais dez, o.k.?

\*\*

Você sabia: que está rolando uma comissão "ESDI 30 anos" para tratar dos festejos no correr deste?

\*\*

Você sabia que a ESDI está fazendo 30 anos?

\*\*

João veio com um papo de que os dinossauros estão voltando a estudar na ESDI. O design que se cuida.

\*\*

Numa manhã, João não trazia o seu sorriso de sempre:

- Amigo, não sei nem o que falar.

Eu falo por você, João. Pode contar com todos nós, Gizete, neste momento de silêncio.

# acorda esdiano



Um dos maiores problemas dos alunos da ESDI hoje é a falta de uma visão de grupo, reflexo da situação do país, onde o "cada um por si" é o pensamento mais presente. A briga é sempre particular, nunca conjunta, e eu sinto que falta a nós, brasileiros e esdianos, a percepção de que melhorando o todo é muito mais fácil de conseguir o melhor para cada um. A impressionante ausência de solidariedade e união nos torna egoístas, buscando alcançar unicamente nossos objetivos particulares.

Nós vivemos uma situação caótica, recessiva e inflacionária, com um sistema educacional falido, miséria crescente e a violência vindo junto. Este quadro de crise total não é nada animador para as pessoas que estão procurando um rumo para a vida profissional. Diante de tal situação nos sentimos até mesmo inibidos para buscar um lugar ao sol.

Por isso acredito ser hoje a vitória coletiva fundamental para a vitória individual. Para que não sejamos engolidos pelo problema de grande parte do país. Eu sei que soa piegas, mas é difícil de entender os mais de 30 milhões que morrem de fome enquanto deliramos em nossos computadores. Não podemos nos isolar de um problema que muito nos diz respeito. Aceitar a miséria e pobreza a nossa volta passivamente, mais do que conformismo é omissão. Enquanto as pessoas acharem que um bom salário no fim do mês é a solução para seus problemas, continuaremos a mergulhar na crise de cabeça, com índices sociais cada vez mais vergonhosos. Até o dia em que as pessoas com bons salários vão começar a gastar quase todo o seu dinheiro para se defender daqueles que não tiveram o mesmo êxito.

Nós, aqui na ESDI, vivemos um isolacionismo típico da elite econômica e intelectual a qual pertencemos, que estuda em bons colégios particulares e tem acesso às universidades públicas. De uma elite que se considera na melhor escola de DI do Brasil. Da elite dos designers, profissionais muito mais voltados para o primeiro mundo do que para seus próprios problemas terceiro-

mundistas.

É importante para nós, (futuros) designers, buscarmos espaço dentro dessa enorme crise que enfrentamos. Nossa profissão é hoje direcionada principalmente para uma pequena parcela da população com bom nível cultural e econômico, esquecendo a grande maioria dos brasileiros, o que é, no mínimo, imprudente para um segmento profissional num mercado em recessão. Tenho certeza que, como profissionais, nós temos, na luta contra a grave situação social e econômica, importante ajuda a dar ao país. Basta-nos o espírito de solidariedade e colaboração tão ausente hoje em dia.

A união dos estudantes é fundamental para que possamos discutir novos direcionamentos para a profissão e descobrir os melhores caminhos para se enfrentar o mercado. A organização dos estudantes de DI, que está acontecendo via Ndesign, é importante para que se troque experiências, se debata e se reflita acerca do ensino e da prática do design no Brasil. É interessante marcar que, fugindo das características do movimento estudantil nacional - sempre atrapalhado por radicais e suas posições partidárias, - nosso movimento hoje é apartidário, voltado basicamente para as questões da profissão e do ensino desta. Faço a ressalva, porém, de que ele não deve deixar de ser político, posto que a política é a base da discussão em uma sociedade democrática.

Os esdianos não podem ficar de fora desse movimento - nossa participação em Curitiba e Santa Maria foi numerosa, mas pouco efetiva na discussão e direção do encontro. Somos em geral excessivamente auto-confiantes e independentes, não só em relação às outras faculdades, mas entre nós mesmos. A ESDI precisa existir enquanto um grupo, com um pensamento coletivo que reflita nossas posições, e através do qual lutemos por nossos direitos e necessidades. Atualmente o que existe são manifestações isoladas, mesmo quando se trata de questões coletivas. Até entre os professores o individualismo é extremado, e

cada matéria é dada de forma isolada. Nem mesmo a integração entre as matérias de projeto e as de apoio - uma coisa básica - nós conseguimos.

Precisamos também nos integrar aos colegas de outras faculdades, e entender que existe muito mais coisa entre o design e a ESDI do que algumas pessoas pensam. É claro que a discussão sobre qual é a melhor é desnecessária. O importante é haver o debate conjunto, para que se descubra o que cada um tem de melhor. É existir o confronto de idéias, de trabalhos, de resultados, mas de maneira saudável e com o único objetivo de se aperfeiçoar e progredir num todo.

É o momento de mudarmos nossas cabeças, de alterarmos o enfoque de nossa vida estudantil. Vejo muitas pessoas que passam o curso todo preocupadas com coisas como notas e currículo, e acho que elas estão perdendo o que há de melhor na faculdade. É na convivência com professores e alunos, nos papos informais - sobre design ou não -, que mais se aprende aqui. Talvez o mais importante aprendizado da ESDI esteja fora da sala de aula, em coisas que não constam do histórico escolar. Não devemos limitar nossa vida acadêmica ao ciclo aula-trabalho-nota. Temos muito mais a fazer do que sentar na sala e esperar que nos ensinem e nos transformem em profissionais.

A faculdade pública não é só um lugar onde as pessoas absorvem informações. Ela tem o compromisso de levantar discussões, buscar soluções, gerar conhecimento. É o mínimo de retorno que a sociedade exige e merece.

Vamos fazer de cada colega um aliado de batalha e encarar a omissão como egoísmo, covardia. Pensar só em si é burrice, é não entender que juntos fazemos muito mais por nós mesmos. É não se aproveitar da enorme força que dispomos, a força do conjunto.

**Lucas Menezes**